

A HISTÓRIA POLÍTICA DO BRASIL POR MEIO DA CHARGE (1950 – 1964)

BRAZILIAN POLITICAL HISTORY THROUGH COMIC CHARGES (1950-1964)

Natania A. Silva Nogueira

<nogueira.natania@gmail.com>

Mestra em História, área de concentração Sociedade Cultura de Trabalho

Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, Rio de Janeiro

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7390818109682435>

RESUMO

Na presente pesquisa iremos trilhar os caminhos da política brasileira nos anos de 1950 a 1964 e procurar por meio da charge e da caricatura destacar alguns momentos decisivos da política nacional. Para tanto recorreremos à bibliografia específica sobre charge e caricatura assim como material de acervos digitalizados, jornais e revistas da época. A exemplo disso, utilizamos como fontes de pesquisa periódicos como o Jornal a Tribuna Popular e a revista Careta, além da obra de chargistas como Belmonte e Hilde Weber. Partimos da hipótese de que a realidade política brasileira pode ser analisada, também, a partir do discurso contido no jornalismo ilustrado. Uma vez que nenhuma informação é neutra, que todo discurso possui algum tipo de orientação ideológica, acreditamos que esse jornalismo ilustrado reúne em si tendências e ideologias que caracterizaram os grupos políticos que disputavam o poder nesse período analisado, as décadas de 1950 e 1960. Leva-se ainda em conta o contexto internacional, da Guerra Fria, e interesses de superpotências como os Estados Unidos observadores atentos, nada imparciais, dos rumos tomados pela política brasileira no recorte estudado. Assim como o texto, escrito as charges e as caricaturas vão ser instrumentos poderosos de formação de opinião, tese que pretendemos demonstrar no presente artigo.

PALAVRAS-CHAVE: História Política, charge, caricatura, imprensa.

ABSTRACT

In the present study, we will follow the paths of Brazilian politics during the years 1950 to 1964 and attempt to highlight throughout political cartoons and caricatures some of the key moments in national politics. For this we will use the specific bibliography on political cartoons and caricatures as well as material from digitized collections, vintage newspapers and magazines. As an example, we used as research sources periodicals like the Tribuna Popular newspaper and the Careta magazine, as well as the works of cartoonists like Belmonte and Hilde Weber. We start from the hypothesis that the Brazilian political reality may also be analyzed from the discourse contained in illustrated journalism. Since no information is neutral, all discourse has some kind of ideological orientation, we believe that this illustrated journalism brings together trends and ideologies that characterized the political groups vying for power during the analyzed period, the 1950s and 1960s. Furthermore, we take into consideration the international context, the Cold War, and the interests of superpowers like the United States, attentive observers, not unbiased, of the directions taken by Brazilian politics during the researched period. Just like the written text, the political cartoons and caricatures would be powerful tools for opinion making, a thesis we intend to demonstrate in the present article.

KEYWORDS: political history, charge, caricature, press.



INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da imprensa no Brasil, no século XIX, a política ou o político ganharam espaço cada vez maior nas dos periódicos. Nas palavras de Maria Helena Capelato (1988, p. 21), a imprensa “constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”. Ela é, para o historiador, um agente social. Nela temos ainda o registro de conflitos e lutas, representações da sociedade que vão variar de acordo com o discurso e a orientação dos veículos de imprensa.

A imagem, na forma de caricaturas, charges e, posteriormente, as histórias em quadrinhos tornaram-se, desde os primórdios da imprensa, instrumentos de crítica social e política e registros de momentos importantes da nossa história. A charge, em especial, está diretamente relacionada à política e, no Brasil, tem uma tradição que remonta a bem antes do século XIX. E é por meio de charges e, também caricaturas, que pretendemos focar nosso olhar sobre a política brasileira nos anos de 1950 a 1964.

Segundo René Remond (2003, 35) a política é uma “modalidade da prática social”, ela está, portanto, ligada ao coletivo, às massas. Ao tratarem do interesse público, da coisa pública, os periódicos estão imbuídos de uma função política, que pode ser apartidária ou não. Como um veículo de informação de massas, os periódicos levam ao grande público uma pluralidade de discursos que acabam assumindo uma função pedagógica, formadora. E o jornalismo ilustrado teve e ainda tem um papel importante tanto na formação política do brasileiro quanto como fonte de estudo da História Política no Brasil. Uma vez que nenhuma informação é neutra, esse jornalismo ilustrado reúne em si tendências e ideologias que caracterizaram os grupos políticos que disputavam o poder nesse período, envolvendo ainda interesses internacionais, como veremos a seguir.

HISTÓRIA POLÍTICA, CHARGE E CARICATURA NO BRASIL

Na história da imprensa periódica do Brasil, as imagens ocupam um espaço de destaque. Embora a caricatura já estivesse presente no Brasil, desde o século XVI, com os trabalhos do Frei Vicente de Salvador (LIMA, 1963: 57), ela e a charge vão ganhar as páginas dos jornais e revistas e se popularizar a partir do século XIX, graças à promulgação do decreto que cria a Imprensa Régia, em 1808. O humor se torna um instrumento de crítica política e social nas

páginas de periódicos como *A Lanterna Mágica* (1844-1845), *Diabo Coxo* (1864-1865), o *Cabrião* (1866-1867) ou a *Revista Illustrada* (1876-1898).

A caricatura é um desenho que prioriza a distorção anatômica do personagem caricaturado. Ela tanto pode ser uma forma de homenagem como pode, também, ser uma forma de deboche. Ela pode provocar o riso de uns, a fúria de outros. Já a charge tem um aspecto crítico mais visível, ela não tem sutilezas e pode ser agressiva. Geralmente a charge se baseia em um acontecimento real, em fatos que envolvem polêmicas. Charges políticas e de crítica social nem sempre vem carregadas de humor. A caricatura ou a charge política podem extrapolar a questão do humor e passar uma mensagem ideológica, defendendo um ponto de vista.



Fig. 1 -Charge política de profundo teor ideológico publicada em 1951 na Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 22 de março de 1951.



Fig. 2 - Caricatura de Nereu Ramos feita por Augusto Rodrigues. Traços exagerados, mas ausência de intenção de debochar do caricaturado (LIMA, 1965, 1557).

Na verdade, a caricatura (ou charge) pode expressar sua idéia indo além do desenho de um simples personagem. Ela pode desnudar, descobrir, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação (GAWRYSZEWSKI, 2008, 14).

A imagem, seja na forma de caricatura ou charge, tem poder de formar opinião, de conscientização e de crítica da realidade social e política de uma época. Ela reforça valores populares e auxilia na preservação da herança cultural de um povo, ela é reveladora,

desmistificadora e colocar às claras as contradições que envolvem as ações daqueles que detêm o poder (GAWRYSZEWSKI, 2008, 14).

Assim como as articulações entre grupos políticos foram se transformando, se modificando ao longo do século XX, a caricatura e a charge enquanto uma forma de de jornalismo ilustrado também amadureceram. Podemos notar a partir da década de 1930 o surgimento de uma charge política ainda mais crítica e de uma caricatura que ultrapassava os limites do humor.

A partir do final do Estado Novo e, acentuadamente, com os governos militares, a caricatura perde inteiramente o que porventura ainda lhe restaria de inocência política, assumindo um crescente e maduro direcionamento ideológico. Ainda assim, prevalece a denúncia das mazelas do País e, como não poderia deixar de ser, a afirmação radical da liberdade e da necessidade da crítica (Biblioteca Nacional, 1990, 11).

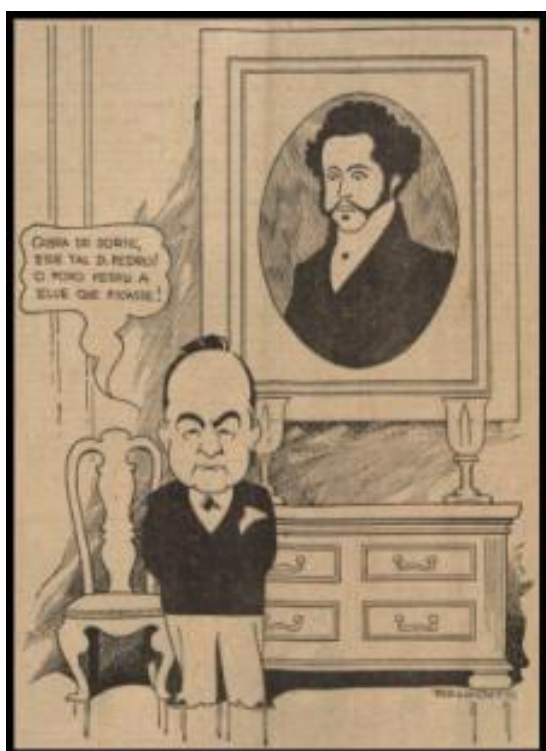


Fig. 3 - Getúlio e as eleições de 1937. Folha da Noite. São Paulo, 20 de junho de 1937. Getúlio e o golpe de 1937. Belmonte. Disponível em: <http://zip.net/bpntwZ>, acesso em 18 abr. 2014.



Fig. 4 - Juca Pato e o transporte público em São Paulo (s/d). Imagem cedida pelo cartunista Bira Dantas.

Cabe destacar nesse período artistas gráficos como Benedito Bastos Barreto ou simplesmente Belmonte, ferrenho crítico do governo Vargas e das ditaduras totalitárias que marcaram o mundo as décadas de 1930 e 1940. Seu personagem mais conhecido foi *Juca Pato*, a

representação do homem comum, trabalhador inconformado com os desmandos políticos. Sua crítica ao governo incomodou tanto que, durante o Estado Novo acabou caindo nas garras do DIP.

Não podendo mais criticar e debochar do ditador brasileiro, Belmonte voltou sua atenção à política externa, ridicularizando Hitler, Stalin, Mussolini e outros líderes autoritários. O impacto de suas críticas foi tão intenso que levou à ira o Ministro da Propaganda nazista Paul Joseph Goebbels, que durante um programa de rádio, teria acusado Belmonte, de ter sido comprado pelos aliados para denegrir a imagem do führer e da Alemanha Nazista (BELMONTE, 1982, p. 03).



Fig. 5 - Em uma obra póstuma intitulada *Caricatura de todos os tempos*, foram reunidas dezenas de charges de Belmonte, cujo tema eram os totalitarismos e a II Guerra Mundial (BELMONTE, 1982: 83).

A charge política também cria ou immortaliza personagens que passam a fazer parte da memória coletiva de uma nação e, que em alguns casos, ficam mundialmente reconhecidos. Um exemplo do poder da imagem e da força ideológica ela abriga é o *Tio Sam*, personificação do imperialismo norte americano, immortalizado por meio da charge e, também, dos quadrinhos.

Nas décadas de 1950 e 1960 o ambiente político internacional estava cada vez mais instável. A ameaça do comunismo se torna cada vez mais presente na América. Os Estados Unidos

endurecem ainda mais sua política externa com relação à América Latina. O anticomunismo ganha novas proporções e o envolvimento dos Estados Unidos em movimentos golpistas na América do Sul são reflexos desse novo momento político.

O triunfo da Revolução Cubana de 1959 causou comoção profunda em todo o ambiente latino-americano. A preocupação principal de Washington na região passou a ser contrariar a crescente efervescência social – enquadrada em uma gama heterogênea de correntes reformistas ou revolucionárias – e as tendências de alguns de seus governantes em direção ao nacionalismo econômico, fenômenos que os círculos dirigentes norte-americanos atribuíam linearmente à penetração soviética e identificavam com a “infiltração comunista” (RAPOPORT, 200, 70).

As charges e caricaturas desse período refletem o clima tenso da Guerra Fria e o acirramento da disputa ideológica. O Tio Sam era um personagem ameaçador e muitas das charges em que ele aparece se há humor ele é ácido, beirando à agressividade. Muitas as charges usadas para atacar o comunismo quanto aquelas que apóiam o regime são austeras e carregadas de conteúdo ideológico.



Fig 6 - Tio Sam: Se ella falecer eu compro-lhe o cadáver para estudos no Laboratório de Wall Street. Parece-me um caso de insuficiência-mental. K. Lixto. A operação... Financeira. Dom Quixote. Rio de Janeiro. 5 (221), 03 de agosto de 1921 (Biblioteca Nacional, 1990, 79).

É por meio dessa arte gráfica que, que pode misturar humor, crítica social e política, que pode denegrir ou mesmo elevar a imagem de um ator histórico ou uma instituição que vamos trilhar pelos caminhos da política brasileira nas décadas de 1950 e 1960, nos anos que antecedem ao golpe que instalou em 1964 a ditadura no Brasil. Cartunistas e caricaturistas nos revelam em ilustrações ora bem humoradas, ora pessimistas, uma tensão política quase que palpável, revelando episódios, tramas e pretensões golpistas nada discretas de grupos políticos na disputa pelo poder no Brasil.

O BRASIL DE 1950 A 1963 PELA IMPRENSA ILUSTRADA

Em 1947 a Guerra Fria se anuncia. Tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos passam a exigir um posicionamento ideológico de seus parceiros. A charge política agora está mais do que nunca carregada de ideologias que ora aclamavam o ideal socialista, ora apontavam o comunismo como a maior ameaça enfrentada pelo mundo livre.

Esse contexto externo influenciou a vida política dos países da América Latina, que estavam na mira dos Estados Unidos. O Brasil, agora um país pluripartidário, encontrava-se dividido entre várias tendências. Os interesses partidários não se resumiam apenas a uma bipolarização ideológica. Entre os anos de 1950 e 1964 alianças das mais improváveis foram forjadas. Antigos aliados se tornaram rivais, e vice-versa. No jogo do poder permaneciam, no entanto, os mesmos personagens e alimentavam-se antigos rancores.

A UDN, que surgiu em 1945 como uma frente ampla pela democracia, antigetulista levantando a bandeira da liberdade, logo mostraria a todos seu conservadorismo. Vargas e seus herdeiros vão enfrentar tanto no meio político quanto na imprensa uma forte pressão. Grupos de esquerda quanto de direita tinham em comum o desejo de afastar ou dificultar ao máximo a vida política do ex-ditador.

Jornais como *A Tribuna Popular*, que pertencia ao PCB, e que através da imprensa engajada e forte pretendia alcançar as massas, faziam campanha contra o Getúlio Vargas. Com circulação nacional, esses periódicos representavam uma das estratégias do PCB para alcançar as massas populares, e aumentar suas fileiras (FERNANDES, 2012, 06). Jornais opositores de Vargas não cansavam de criticar o político gaúcho, que depois de deposto conseguiu se eleger senador.

Em 1947, por exemplo, a Tribuna Popular lançou uma série de charges cujo objetivo parecia ser manter viva uma memória que os varguistas queriam que fosse esquecida.

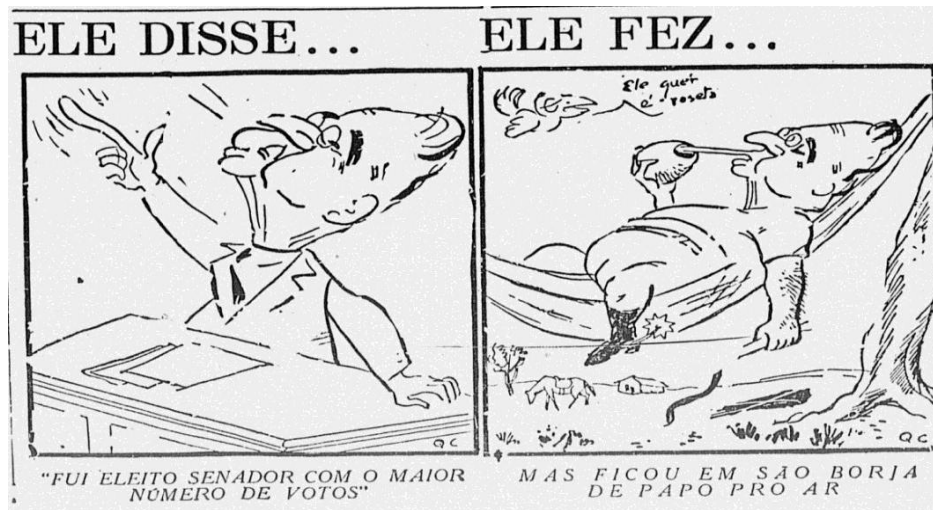


Fig 7 - Tribuna Popular. Rio de Janeiro, n. 493, 12 de janeiro de 1947, p. 03.

Os grupos de direita não ficavam atrás. Wilde Helber publicou várias charges que criticavam a política de Vargas, então novamente presidente da República. Muitas dessas publicações ocorreram como chargista na *Tribuna da Imprensa* (NOGUEIRA, 2012, 524), jornal fundado por um dos maiores desafetos de Vargas: Carlos Lacerda.

(...) o vespertino Tribuna da Imprensa, editado pela primeira vez em 27 de dezembro de 1949, caracterizar-se-ia, desde o início, como um veículo de divulgação de teses anti-nacionalistas e anti-populares, e que teria como principal objetivo, a partir de 1950, a liquidação de adversários, investindo sobretudo contra o getulismo e a política populista (MENDONÇA, 2012, 08).

Hilde Weber, alemã naturalizada brasileira tornou-se uma grande referência imprensa nacional, triunfando numa área praticamente restrita aos homens, a charge política. Ela começou a produzir caricaturas políticas para o Partido Constitucionalista, na campanha contra Vargas. Hilde Weber pode ser considerada, também uma precursora do jornalismo ilustrado no Brasil. Suas charges não eram apenas críticas, mas relatos complexos sobre acontecimentos políticos (NOGUEIRA, 2012, 526).



Fig. 8 - Charge de Hilde Weber. Ano de 1952. Getúlio nomeia Lorival Fontes, chefe da censura do Estado Novo para a Casa Civil (WEBER, 1989, 11).



Fig. 9 - Charge de Hilde Weber. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1954, p. 04 (Biblioteca Nacional, 1990, 101).

Os 14 anos que antecederam ao golpe de 1964 assistiram a uma verdadeira guerra político-ideológica que se fazia através dos meios de comunicação. Periódicos publicados pelas esquerdas, pela direita conservadora e por grupos que oscilavam entre uma e outra mostram de forma bem humorada momentos críticos a nossa história política. Personagens foram eternizados em charges e caricaturas e passaram a fazer parte do imaginário cultural daquele período.

Carlos Lacerda, que não poupou esforços junto aos meios de comunicação para atacar e pressionar Vargas e seus aliados, também acabaria se tornando alvo da crítica bem humorada de chargistas e caricaturistas. Em maio de 1954, sua imagem ficou eternizada na forma do “corvo”, através de uma caricatura feita por Lan, a pedido de Samuel Wainer e publicada no jornal *Última Hora*. A imagem pegou. Lacerda foi retratado várias vezes com aquele animal agourento.

Buscava-se retratar o caráter de Lacerda, sempre crítico, demolidor, agourento mesmo, afinal sua figura esteve presente em momentos difíceis de nossa história (suicídio de Getúlio Vargas, golpe contra a posse de Juscelino, golpe contra a posse e, posteriormente, ao governo Jango entre outros). (Gawryszewski, 2008, 22).



Fig. 10 - Caricatura de Carlos Lacerda, que acompanhou um enorme e violento editorial com o título de "O Corvo", feita por Lan para o Última Hora. Lan. Disponível em <<http://zip.net/bvs162>>, acesso em 10 mai. 2014.



Fig. 11 - Caricatura de Jorge Brandão (Gawryszewski, 2008, 21).

Criado em 1951, e contando com o apoio e Vargas, o jornal dirigido por Samuel Wainer, o vespertino *Última Hora* possuía uma linha editorial de apoio ao governo, e conquistou um sucesso considerável junto ao público leitor. O jornal se tornou um dos principais adversários do *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda. O *Corvo* começou sua campanha contra o jornal imediatamente após seu lançamento, no que chamou de golpe contra a imprensa independente.

Denunciando o envolvimento do governo na obtenção dos recursos para o lançamento da *Última Hora*, fez um apelo para a criação de mecanismos que impusessem um severo controle sobre os subsídios governamentais a órgãos de imprensa, de modo a impedir a concorrência desleal. Porém, é preciso assinalar que, ao condenar essa prática, ignorou o fato de que quase todos os periódicos brasileiros costumavam recorrer aos cofres públicos para conseguir empréstimos privilegiados, como eram os casos de *O Globo*, de propriedade da família Marinho, e dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, grandes devedores do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal (MENDONÇA, 2008, 12).

Entre campanhas difamatórias, CPI e ofensas pessoais contra Samuel Wainer, estavam nas entrelinhas de uma forte pressão de Lacerda e da UDN contra Getúlio Vargas. O golpismo de Lacerda e da UDN se apoiava nos meios de comunicação e no desejo das elites afastadas do poder de assumir o comando do Brasil. Assim como fracassou a tentativa de derrubar Vargas, que

suicidou-se em 1954, Lacerda também não conseguiu fechar o *Última Hora*, que apesar de todas as dificuldades manteria suas atividades até 1972.



Fig. 12 - Charge publicada a pedido do comando geral do Primeiro Comitê de Resistência dos Trabalhadores em Energia Elétrica. SAMPAYO, Legalidade. Disponível em: <http://zip.net/bnntHM>, acesso em 10 abr. 2014.

Com a morte de Vargas as chances de vitória da UDN nas eleições presidenciais foram reduzidas. A vitória de Juscelino Kubitschek era também uma vitória do varguismo e mais uma amarga derrota para a UDN. A tentativa de golpe em novembro de 1955 foi uma última cartada, para tentar impedir a posse do presidente eleito. Mas venceu o respeito à legalidade e o General Lott impediu a tentativa de golpe. Lacerda ganhou fama de demolidor de presidentes e teve que permanecer afastado do país até 1956, dando tempo suficiente para que seus inimigos se preparem.

Para se precaver contra sua volta à cena política, Juscelino anexou uma nova cláusula aos contratos de concessão de rádio e TV, mediante a qual os concessionários seriam punidos com suspensão por 30 dias no caso de transmitir programas “insultuosos às autoridades públicas”. Segundo confissões do próprio ex-presidente, a primeira pessoa em quem pensava ao acordar era Carlos Lacerda (MOTTA, 2005, 03).

Mas se os programas de rádio e TV não podiam atacar diretamente o presidente e seu governo, as charges e caricaturas que circulavam em diversos jornais não tinham o mesmo pudor.

Na revista *Careta*, os cinco anos de governo de Juscelino foram descritos em imagens bem humoradas, que podiam ser apreciadas pelos leitores tanto na capa quanto no interior da revista. Vale destacar o recurso da charge como capa da revista. Ela atrai a atenção do público para a crítica contida na charge, ajudando a formar opiniões tanto em leitores quanto do público que simplesmente frequentava as bancas de jornal.

Política interna e externa, gastos do governo, crise econômica misturadas com piadinhas de duplo sentido caracterizaram as charges publicadas na *Careta* durante o governo de Juscelino. A revista estava afinada com os interesses da oposição. Da mesma forma como criticavam o governo, jornais e revistas de oposição utilizavam das charges e caricaturas para alavancar seus candidatos. A *Careta*, que, dedicou uma boa parte de suas páginas criticando o governo de Juscelino Kubitschek e da mesma forma fez campanha a favor do candidato da oposição para as eleições presidenciais de 1960, Jânio Quadros.

Já em 1959 a *Careta* estampava em suas capas charges que faziam propaganda política favorável ao candidato paulista. Jânio fez uma campanha de sucesso, baseada em uma imagem popular, em uma propaganda que o aproximava do homem simples usando de moralismo ao falar do combate à corrupção. Tendo a vassoura como símbolo Jânio rompeu um ciclo de candidaturas impopulares, incapazes de concorrer com candidatos mais carismáticos como Vargas e Juscelino.

A vitória de Jânio era, também, a vitória das forças de oposição e o primeiro triunfo da UDN, que apoiou sua candidatura. Essa vitória, no entanto, durou pouco. Após oito meses de governo, Jânio Quadros renunciou, mergulhando o país em uma grave crise política e abrindo caminho para mais uma tentativa golpista resultou na implantação do regime parlamentar. Grupos conservadores, aliados ao capital estrangeiro e a empresários, tinham ressalvas quanto a João Goulart. Assim, sua posse foi efetivada a partir da redução dos poderes presidenciais.



Fig. 13 - Careta. Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1957, n. 2534.



Fig. 14 - Careta. Rio de Janeiro, 04 de março de 1959, n. 2583, p. 04.



Fig. 15 - Careta. Rio de Janeiro, n. 2694. 07 de março de 1959.



Fig. 16 - Careta. Rio de Janeiro, n. 2546, 14 de março de 1959.

1959.

João Goulart teve um governo conturbado, marcado pela crise econômica e política. O presidente, inicialmente sem poderes, tem as mãos atadas e procura articular-se em busca de aliados. Jango deseja colocar em prática as reformas de base. Em 1963, por meio de um plebiscito, o presidencialismo retorna e Jango passa a enfrentar novos obstáculos. Negociação de dívida externa, reforma agrária, reforma ministerial e a política de conciliação que João Goulart foram alguns dos temas das charges publicadas durante o ano de 1963.

A charge de Hilde Weber (Fig.17) mostra o momento em que o Brasil recorre ao governo norte-americano em busca de empréstimos. San Thiago é representado como uma criança numa loja de doces que tem como vendendo o Tio Sam, ao lado do presidente Kennedy. A arma financeira é utilizada pelos Estados Unidos como uma forma de pressionar e intervir nos planos políticos do governo de Jango. Posteriormente o governo norte-americano passa a negar fundos para o governo federal e negociar apenas com governadores de estados que fazem parte da oposição ao governo (RAPOPORT, 200, 75).



Fig. 17 - Hilde Werber (1963). San Thiago Dantas vai aos Estados Unidos negociar as dívidas do Brasil com o FMI e pedir novos empréstimos ao Presidente Kennedy (WEBER, 1986, 36).



Fig. 18 - Charge de Lan, Jornal do Brasil, Junho de 1963. O governo João Goulart (1961-1964). Disponível em <http://zip.net/bcntXy>, acesso em 10 abr. 2014.

Em outra ilustração João Goulart aparece na charge de Lan (Fig. 18), publicada em 1963 equilibrando-se na corda bamba, dividido entre as esquerdas e a direita. O fracasso da sua política conciliadora vai se refletir no seu isolamento político, facilitando assim as pretensões golpistas de setores do exército, empresariado, capital estrangeiro, da UDN e seus aliados. Em 1964, como resultado de uma confluência de fatores, João Goulart é deposto e instala-se no Brasil uma ditadura militar.

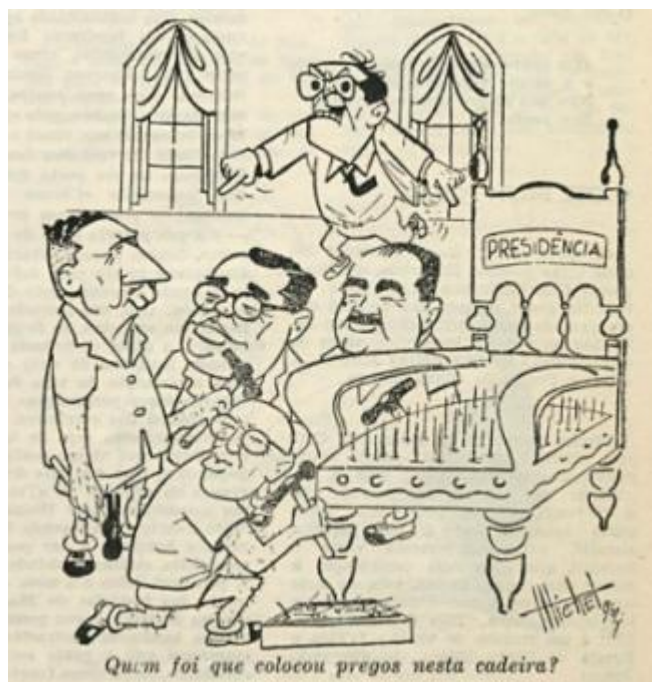


Fig. 19 - A ditadura coloca fim ao sonho de Carlos Lacerda de concorrer à presidência da República. *Careta*. Rio de Janeiro, n. 03, p.31, novembro de 1964.

A habilidade do chargista em refletir a realidade política do Brasil naquele período possibilita-nos identificar momentos importantes do contexto político. A exemplo disso, encerramos com uma das muitas charges publicadas pela revista *Careta*, em novembro de 1964. Ela mostra Carlos Lacerda furioso com a impossibilidade de concorrer às eleições em 1965. É o golpe dentro do golpe, que assegura aos militares governarem o Brasil por mais 20 anos ininterruptos.

CONSIDERAÇÕES

Uma vez que a charge pode ser uma representação humorística ou não da realidade devemos estar atentos ao discurso que nela pode estar inserido. Ela tanto pode ridicularizar um

determinado personagem quanto exaltar outro. Veja o exemplo das capas publicadas na *Careta*, onde a imagem de Jânio Quadros é valorizada e a de seus opositores ridicularizada. Quando impregnadas de conteúdo ideológico, a charge é mais agressiva e chocante, como no caso das charges anticomunistas produzidas nos Estados Unidos. Tanto em um caso quanto outro ela é a revelação e a defesa de uma ideia, um instrumento de crítica e arma retórica de combate utilizado na defesa de projetos políticos e na divulgação de ideologias. (MIANI, 2012, 39).

A imprensa era uma arma nas mãos de grupos políticos muitas vezes com projetos antagônicos e fortemente envolvidos com interesses que iam muito além da coisa pública e do bem comum. Pesava ainda toda a carga ideológica que caracterizou aquele momento, marcado pelo auge da Guerra Fria e pela perseguição ao comunismo.

Os chargistas assim como os jornalistas não ignoravam este estado de coisas e tinham bem definidas suas posturas político ideológicas. Da mesma forma, a charge e a caricatura revelam uma realidade política que vai muito além das tendências pessoais deste ou daquele jornalista/ilustrador. As ações dos atores políticos são estudadas e pesadas. A mesma revista que fez críticas ferrenhas a Vargas e Juscelino de Goulart, por exemplo, expõe o desespero do Lacerda, um dos articuladores civis do golpe de 1964 ao perceber que seus supostos aliados estão lhe tirando a oportunidade de ascender à presidência.

O jornal comunista, *Tribuna Popular*, não mede palavras ou, no caso, traços, ao criticar Getúlio Vargas, após sua deposição, de forma quase didática, possivelmente tentando atingir àquela parcela da população trabalhadora que ainda acreditava no “pai dos pobres”. As charges e caricaturas publicadas em periódicos no recorte estudado são, portanto, fontes que nos ajudam a desvendar as tramas e melindres da política brasileira, identificando seus principais atores, analisando os discursos ora ocultados, ora desnudos, no traço dos ilustradores brasileiros. A imagem como memória é de fundamental importância para a história. Charges e caricaturas políticas são memórias construídas, são representações do real e produto de seu tempo e portanto registros que não podem se analisados tendo apenas em vista o traço.

Personagens políticos que marcaram a época assim como debates em voga nesse período apontam para questões como o medo da ameaça comunista, reforçado pelos Estados Unidos, as crises políticas que marcaram todos os governos no recorte estudado e as tendências golpistas de setores conservadores da sociedade. Charges e caricaturas nos mostram um país que

oscila em meio a crises políticas onde alguns atores se destacam e onde situações cotidianas demonstram que a intelectualidade brasileira e os meios de comunicação estavam antenados com as tramas e conspirações que antecederam o golpe de 1964 que instalou a ditadura no Brasil.

REFERÊNCIAS

Biblioteca Nacional (Brasil). *Retratos do Brasil: A Oposição na República Através da Caricatura* / Biblioteca Nacional. — Rio de Janeiro: A Biblioteca, 1990.

BELMONTE. *Caricatura dos tempos*. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. 2ª Ed. - São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

FERNANDES, Karina Pinheiro. As dores do povo em texto e ilustrações do jornal Tribuna Popular (1945-1947) do PCB, *Anais do XV Encontro de História da ANPUH/RJ* (2012). Disponível em <<http://zip.net/btntnB>>, acesso em 20 abr. 2014.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. *Domínios da Imagem*, Londrina, ano I, n. 2, p. 7-26, maio 2008.

Getúlio e o golpe de 1937 Belmonte. Disponível em: <<http://zip.net/bpntw7>>, acesso em 18 abr. 2014.

Lan. Disponível em <<http://zip.net/bvs162>>, acesso em 10 mai 2014.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1963, 1 V.

-----, *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1963, 4 V.

MENDOÇA, Marina Gusmão de. Imprensa e política no Brasil: Carlos Lacerda e a tentativa de destruição da última hora. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.31, 2008. Disponível em: <<http://zip.net/brntxY>>, acesso em 19 abr. 2014.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. *9ª Arte* - São Paulo, vol. 1, n. 1, 37-48, 1o. semestre/2012.

MOTTA, Marly. *Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado* (2005) Disponível em <http://zip.net/bfntmS>, acesso em 19 ab. 2014.

NOGUEIRA, Natania. A presença feminina na caricatura e na charge política no século XX (1910 – 1960). *Anais do 2º EncontroHQ – Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop*. 28 e 29 de Julho de 2012, Centro de Convenções da UFPE. Maceió: Edufal, 2012, p. 515-530.

O governo João Goulart (1961-1964). Disponível em <<http://zip.net/bcntXy>>, acesso em 10 abr. 2014.

RAPOPORT, Mário, LAUFER, Rubén. Os Estados Unidos diante do Brasil e da Argentina: os golpes militares da década de 1960, *Revista Brasileira de Política Internacional*, n. 43, vol. 01, p. 69-98, 2000. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n1/v43n1a04>, acesso em 07/05/2014.

REMOND, René. *Por uma História Política*. - 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003

SAMPAULO. *Legalidade*. Disponível em: <<http://zip.net/bnntHM>>, acesso em 10 abr. 2014.

WEBER, Hilde. *O Brasil em Charges (1950 – 1985)*. São Paulo: Circo Editorial, 1986.

Periódicos:

Careta. Rio de Janeiro, n. 2534, 19 de janeiro de 1957.

Careta. Rio de Janeiro, n. 2694. 07 de março de 1959.

Careta. Rio de Janeiro, n. 2546, 14 de março de 1959.

Careta. Rio de Janeiro, n. 03, novembro de 1964.

Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 22 de março de 1951.

Tribuna Popular. Rio de Janeiro, n. 493, 12 de janeiro de 1947.



Submissão: 15 de março de 2016

Avaliações concluídas: 18 de maio de 2016

Aprovação: 08 de setembro de 2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

NOGUEIRA, Natania A. Silva. A História Política do Brasil por Meio da Charge (1950 – 1964) (*Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação*). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 205-222 de 469, número especial., 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >